

MILTON NASCIMENTO



taxai - palavra da língua dos índios Kaxinawa... adotada por índios, seringueiros e ribeirinhos, no Acre, como tratamento de respeito e carinho a todos os aliados dos povos da floresta. Companheiro: uma metade de mim.

COMPACT
disc
DIGITAL AUDIO

MILTON NASCIMENTO/TXAI



*Txai é fruto da amizade entre pessoas de muitas raças e conta os
povos dos rios, cerrados e florestas. A vontade é que as pessoas
superem os preconceitos e reconheçam a diferença como qualidade
de cada um. Que a amizade tome conta de tudo aquilo em que
acreditamos, incorporando o sonho de descobrir em cada pessoa,
que a gente respeita e gosta, uma outra metade da gente mesma. Txai.*

*txai - palavra da língua dos índios basinawa... adotada
por índios, acriangueiros e ribeirinhos, no Acre, como tra-
tamento de respeito e carinho a todos os aliados dos po-
vos da floresta. Companhia: uma metade de mim.*

ABERTURA

*Vocal de Milton Nascimento (tema original
para o Ballet David Pursons)*

Texto e fala de Davi Kopenawa Yanomami

nabêbêbê yamakê urihibê wayamâdikobe...urihî nomâi
maôtêbê yamakê yayê mabrariyu...mashitahamê thêbê
titi thêbê ka kuowi thêbê kai toai yarohe yamakê
shawaramumâibe...hutukara a kai boremu...mashita a
kai boremu...kami yamakê yayê nomarayutêbê
yanomam shaburibê sho hekurabê sho yamakê bre
nomarayutêbê hutukara a kai kêbrariyu...thê nô yayê
hoshimabrariyu...hutukara a kai yayê titirayu...iamha
ipa thêa kau.

os brancos estão estragando a nossa floresta e se nós não
a defendemos vamos acabar...eles tiram coisas da
escuridão debaixo do chão e isso alastra epidemias entre
nós...por isso o céu e a terra também ficarão doentes e se
a gente morre, se todos os pajés yanomami e seus
espíritos morrem, o céu vai acabar desabando sobre a
terra, o universo vai se desfazer e o céu vai obscurecer
para sempre.

*Gravação: Vanderlei Loureiro e Demercal Filho
Tradução: Bruce Albert*

Os Yanomami vivem no extremo norte do Brasil, nos
estados de Roraima e Amazonas, começando na
fronteira com a Venezuela. Uma região de florestas,
serras e pequenos igarapés onde andam por centenas
de trilhas que comunicam as muitas malocas. Hoje,
seu território está invadido e contaminado mas,
apesar de tudo, essa gente segue cantando e
acreditando que enquanto viver o povo Yanomami,
permanecerá vivo o planeta.

TXAI

Milton Nascimento e Márcio Borges

Txai

É fortaleza que não cai

Mesmo se um dia a gente sai

Fica no peito essa flor

Txai

Neste pedaço em meu Ser

Tua presença vai bater

E vamos ser um só

La onde tudo é e aparece

Como a beleza que o sol te deu

Metade longe também sou eu

Txai

A tua seta viajou

Chamou o tempo e parou

Dentro de todos nós

Já vai

la levando meu amor

Para molhar seus olhos

E fazer tudo bem

Te desejar bom vento

Porque a tarde cai

Txai

É quando sou o teu igual

Dou o que tenho de melhor

E guardo teu sinal

La onde a saudade vem contar

Tantas lembranças minha só

Todas metades todos inteiros

Todos se chamam Txai

Tudo se chama nuvem

Tudo se chama rio

Tudo que vai nascer

Txai

Onde achiei coragem
De ser metade todo teu
Outra metade Eu
Porque a tarde cai
E dona Lua vai chegar
Com sua noite longa
Ser para sempre

Txi

Milton Nascimento: voz e violão
Túlio Mourão: teclados
João Baptista: baixo
Robertinho Silva: bateria e bongô
Ronaldo Silva: congas, bongô, conz bella
Vanderlei Silva: afuné e xaxuxê
Violão e viola de 12 cordas: Héitor TP
Arranjo: Milton Nascimento e grupo

BAU MÊTORO

*Música original do povo Kayapó do A-Ukre,
interpretada pelo povo da aldeia*

Coordenação: André Villas Boas
Gravado ao vivo por Roberto Marques, Demerval Filho
e Márcio Ferreira

Kayapó é uma nação de guerreiros. Uma gente que fala
língua Jê, que se enfeita de urucum e genipapo, com
plumas coloridas e colares azuis. Seu canto forte e
ritimado, que junta todo o povo no centro da aldeia,
fala de um modo especial de ver o mundo. Vivem no
norte do Mato Grosso e sudeste do Pará, na bacia do
rio Xingu, em quatorze aldeias e seu ano inicia quando
as noites claras permitem ver os milhares de outros
Kayapó acendendo suas fogueirinhas no firmamento,
as estrelas.

COISAS DA VIDA

Milton Nascimento e Fernando Brant

Nunca é igual
se for bem natural
se for de coração
além do bem, do mal
coisas da vida

O amor enfim
ficou senhor de mim
e eu fiquei assim
calado, sem latir
coisas da vida

Como foi que eu cheguei aqui
quem me diria que esse era o meu fim
olho no teu olhar
a festa de estar de bem com a vida

O luar girou, a sorte me pegou
tesouro que encontrei sem garimpar
no ouro da paixão, na febre da paixão
que estão em mim

Ser o senhor e ser a presa
é o mistério, a maior beleza
amor é dom da natureza
amar é laço que não escraviza

Ser o que serve e é servido
só o amor é tão bonito
ser o que planta e sentar à mesa
amor é dom da natureza

Água que limpa e mata a nossa sede
sede de viver, de deixar viver
de fazer viver
e de ser feliz

Milton Nascimento: voz e violão
Túlio Mourão: teclados
João Baptista: baixo
Jurim Moreira: bateria
Nivaldo Ornellas: sax
Mingo: percussão
Ricardo Leão: tambores kalimba
Concepção rítmica: Mazzola
Programação de teclados: Ricardo Leão
Arranjo de base: Mazzola
Produzida por Mazzola

HOEIEPEREIGA

*Música original do povo Puiter,
interpretada pela Pajé Perpera e os
participantes da cerimônia do Hoeiete*

Coordenação: Ângela Puppiani
Gravado ao vivo por Exandro Lopes, Cláudia Ferreira
e Márcio Ferreira

Os Puiter, conhecidos como Suruí de Rondônia, vivem
no sudeste deste estado, divisa com o Mato Grosso e
pertencem ao grupo linguístico tupi. Já foram muitos.
Hoje, vinte anos depois do contato, a população está
bastante reduzida. Enfrentam a invasão de seu
território e o preconceito da população regional,
lutando para manter sua cultura. Nas festas e
cerimônias religiosas cantam para preservar a
harmonia entre a mata, o homem e os espíritos.

ESTÓRIAS DA FLORESTA

Milton Nascimento e Fernando Brant

A brisa acorda a brasa que dormia
o rio aquece sua água fria
onde a onça bebe, a serpente espia
a mata estranha o que traz o dia

A lua vai indo, nos deixa sem guia
sol não aparece e a coruja pia
a gente se encolhe na manhã vazia
já não há quem fale e quem é que poderia

A noite de volta, qual é a magia
que desperta o medo que eu escondia
qual é o mistério qual a maestria
que para a orquestra em plena sinfonia

O sol de repente traz a luz tardia
e a alegria espalha em cantoria
onde havia espanto só há ousadia
foi só brincadeira de um enurimim

Milton Nascimento: voz
Robertinho Silva: maringá, talk drums e caxixi
Ronaldo Silva: madeira
Arranjo: Milton Nascimento e Robertinho Silva

YANOMAMI E NÓS (Pacto de vida)

Milton Nascimento e Fernando Brant

Ter de resistir à dor, à dor
sem compreender por que a dor, a dor
ter de suportar, viver a dor, a dor
e sem merecer a dor, a dor
se é este o meu destino, quem é o algoz
que o traçou?

quem me contaminou?
quem me doou a dor?

homem não existe para ser só animal
a sua história é mais que corporal
abre os sentidos para ter
a liberdade
com todo mundo que é seu igual
e solidário
pensará
amará
sonhará
saberá

que a felicidade da cidade não tem que o mato
matar

ai a dor vai nos unir
 o fim da dor começa é assim
 e o filho que não pira de crescer, a fruta que vai madurar
 aquela mãe, aquela paz morreu
 e aquele olhar
 que é sempre verde verdemar
 é aquele gesto humano
 e aquela voz humana
 é aquele amor humano
 que chega e diz que vai ficar

Milton Nascimento: voz
 Túlio Mourão: teclados
 João Baptista: baixo
 Violão: Heitor TP
 Violinos: Giancarlo Pareschi, Alfredo Vidal, Michel
 Bessler, Bernardo Bessler, Carlos Eduardo Hack, Aisik
 Geller, Wálter Hack, Paschoal Perrota
 Cellos: Alceu Reis, Márcio Mallard, Jacques
 Morelenbaum
 Violas: Frederick Stephany, Arlindo Pentecoste,
 Eduardo Pereira
 Arranjo de base: Milton Nascimento e grupo
 Orquestração e regência: Wagner Tiso

AWASI

Música original do povo Waiápi,
 interpretada pelo povo na aldeia Amapari

Gravação: Dominique Gallois
 Gravado ao vivo por Exatiro Lopes, Cláudia Ferreira
 e Márcio Ferreira

Os Waiápi, gente que fala tupi, vivem nas fronteiras do
 Brasil com os Guianas, no estado do Amapá, entre os
 rios Oiapoque, Jari e Araguari. Pouco sabem do
 mundo dos brancos, mantêm sua cultura, suas festas e
 ritos que celebram a vida. Seus cantos e flautas falam
 com os espíritos que ajudam a "sustentar o céu no seu
 lugar".

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Milton Nascimento e Caetano Veloso

Oco de pau que diz:
 em sem madeira, beira
 Boa, da voz, tristria
 Risca certaia.
 Meio a meio o rio ri
 Silencioso serio
 Nosso pai não diz: diz
 Risca terceira
 Água da palavra
 Água caída para
 Água da palavra
 Água de rosa dura
 Puro da palavra
 Duro silêncio, nosso pai.
 Margem da palavra
 Entre as escaras duas
 Margem da palavra
 Clavira, luz madura
 Rosa da palavra
 Puro silêncio, nosso pai.
 Meio a meio o rio ri
 Por entre as árvores da vida
 O rio ri, ri
 Por sob a risca da canoa
 O rio vi, vi
 O que ninguém jamais olvida
 Ouvi ouvi ouvi
 A voz das águas
 Asa da palavra
 Asa parada agora
 Casa da palavra
 Onde o silêncio mora
 Brasa da palavra
 A hora clara, nosso pai.

Hora da palavra
 Quando não se diz nada
 Fora da palavra
 Quando o mais dentro aflora
 Tora da palavra:
 rio, pau enorme, nosso pai.

Milton Nascimento: voz e violão
 João Baptista: baixo
 Robertinho Silva: bateria e agogô
 Túlio Mourão: teclados
 Ronaldo Silva: congas, madeira, tímboles
 Violinos: Giancarlo Pareschi, Alfredo Vidal, Michel
 Bessler, Bernardo Bessler, Carlos Eduardo Hack, Aisik
 Geller, Wálter Hack, Paschoal Perrota
 Cellos: Alceu Reis, Márcio Mallard, Jacques
 Morelenbaum
 Violas: Frederick Stephany, Arlindo Pentecoste,
 Eduardo Pereira
 Trompete: José Sobrinho, Alcebiades Spínola, Milton
 da Silva
 Flúgel Horn: Paulinho Trompete
 Sax alto: Mauro Senise e João Meirelles
 Sax tenor: Nivaldo Ornellas
 Trombones: Roberto Marques, Edmundo Maciel, Jesse
 Suelo
 Arranjo de base: Milton Nascimento e grupo
 Orquestração e regência: Wagner Tiso
 Faltu de coro: José Renato, Maurício Maestro, David
 Tygel, Clara Sandroni, Selma Reis, Aleida Silva,
 Novelli, Otávio Bretas, Cristiana, Kika, Celso Alves,
 Keller, Pantera, Marilene Gondim, Maria de Fátima,
 Rita Peixoto
 Regência de coro: Novelli

BENKE

Milton Nascimento e Márcio Borges

Beija-Flor me chamou: olha
 Lua Branca chegou na hora
 O Beija-Mar me deu prova:
 Uma estrela bem nova
 Na luminária da mata
 Força que vem e renova
 Beija-Flor de amor me leva
 Como vento levou a folha

Minha Mãe soberana
 Minha Floresta de jóia
 Tu que das brilho na sombra
 Brilha também lá na praia
 Beija-Flor me mandou embora
 Trabalhar e abrir os olhos
 Estrela d'Água me molha
 Tudo que ama e chora
 Some na curva do rio
 Tudo é dentro e fora
 Minha Floresta de jóia
 Tem a água
 tem a água
 tem aquela imensidão
 tem sombra da Floresta
 tem a luz do coração
 Bem-querer!!!

Essa canção é nome de um curumim do povo Kampana
 e dedicada a todos os curumins de todas
 as raças do mundo.

Milton Nascimento: voz e violão
 Leonardo Bretas: voz
 João Baptista: baixo
 Robertinho Silva: block e efeitos, caxixi, afoxé
 Ronaldo Silva: clare, queixada, bumba, block e efeitos
 Vanderlei Silva: congas e bongô
 Flauta de bambu: Nivaldo Ornellas
 Vozes: Milton Nascimento e Leonardo Bretas
 Coral de crianças: Davi Silva, Eduardo Prado Lopes,
 Pedro Prado Lopes, Renato Rodrigues, Thiago
 Martins, André da Silva, Flávio Alves, Marcos André,
 Diogo Nogueira
 Violinos: Giancarlo Pareschi, Alfredo Vidal, Michel
 Bessler, Bernardo Bessler, Carlos Eduardo Hack, Aisik
 Geller, Wálter Hack, Paschoal Perrota
 Cellos: Alceu Reis, Márcio Mallard, Jacques
 Morelenbaum
 Violas: Frederick Stephany, Arlindo Pentecoste,
 Eduardo Pereira
 Regência do coral: Novelli
 Arranjo de base: Milton Nascimento e grupo
 Orquestração e regência: Wagner Tiso

SERTÃO DAS ÁGUAS

Milton Nascimento e Ronaldo Bastos

Vem e me abraça

Me leva pra beira do igarapé

Mapas escorrem das mãos

Que vão me fazer calhar

A vida começa agora

Ilhas de mel

São rios de mel

Romances e correntes

Sertão das águas o amor quando quer é bater e valer

Inunda os dias de sol, pode chover se quiser

Lá no sertão quando vem a noite chover estrelas

Flugos de luz

São castas de luz teus olhos na escuridão

Sertão veredas do Grão-Pará

Sertão canoa das populações ribeirinhas

Que vivem dos frutos da mata e que não podem

A floresta ver destruída

Não venha o fogo queimar

Nem trator poder arrastar

Pra que a vida queira pulsar

E correr

Rode que embala o amor e lambuzas de tamborá

Lábios com fino suor sede de se lambuzar

O meu pensamento voa, chega primeiro a minha voz

Cai nos meus braços, aperta os laços desfaz os nós

O grito dessas pessoas

No fundo das seringais

Devia ser escutado em Belém e Manaus

Corre nas veias, remar e seguir a viagem

Viver só carter coragem, esperança que a paz reine na
floresta

Sertão das águas o amor quando quer é bater e valer

Inunda os dias de sol e pode chover se quiser

O meu pensamento vai, chega primeiro a minha voz

Cai nos meus braços, aperta os laços desfaz os nós

O grito dessas pessoas

No fundo das seringais

Precisa ser escutado em Belém e Manaus

Milton Nascimento: voz e violão

João Baptista: baixo

Robertinho Silva: bateria

Túlio Mourão: teclados e acordeon

Ronaldo Silva: triângulo e temp block

Vanderlei Silva: afons

Arranjo: Milton Nascimento e grupo

Os seringueiros da Amazônia propuseram a criação de reservas extrativistas para garantir o seu direito de continuar usando as matas e os rios onde sempre produziram riqueza sem destruir a natureza. As reservas extrativistas são áreas de domínio público, cujo usufruto é garantido às populações que vivem do extrativismo equilibrado, como seringueiros, castanheiros, acucieiros, piaçaveiros, ribeirinhos e outras populações tradicionais da floresta amazônica. Com as reservas extrativistas, os trabalhadores da floresta podem mostrar que é possível usá-la de maneira socialmente justa, economicamente viável e ambientalmente equilibrada.

QUE VIRÁ DESSA ESCURIDÃO?

Milton Nascimento e

Fernando Brant

Que dirá a seu filho, o pai?

que dirá para a filha, a mãe?

que virá dessa escuridão?

será bem, será maldição?

será deus ou será mortal?

nos trará arma ou missal?

o punhal fere o coração

o veneno morde a canção

quero saber, mas sem matar

o que já existe em mim

quero conhecer seu mundo, sim

se não for perder o meu mundo nu

o meu mundo de fogo ou cru

ou assim, ou me deixe em paz

minha casa sem solidão

minha mesa de peixe e pão

minha tribo, irmã, irmão

na aventura que sei viver

com segredos que não contarei

pra você.

que dirá a seu filho o pai?

que dirá para a filha a mãe?

que virá dessa escuridão?

será bem, será maldição?

será deus ou será mortal?

nos trará arma ou missal?

o punhal fere o coração

o veneno morde a canção

Eu quero saber

mas sem matar o que existe já em mim

ou assim, ou me deixe em paz

nesta casa sem solidão

na aventura que sei viver

com segredos que não contei

pra você.

Milton Nascimento: voz

Túlio Mourão: teclados

João Baptista: baixo

Ronaldo Silva: guizos e maracas

Vanderlei Silva: talk drums

Robertinho Silva: cabaça

Pá: Robertinho Silva, Ronaldo Silva, Vanderlei Silva,

América, Ricardo Clementino

Violinos: Giancarlo Pareschi, Alfredo Vidal, Michel

Bessler, Bernardo Bessler, Carlos Eduardo Hack, Aírik

Geller, Walter Hack, Paschoal Perrota

Cellos: Alceu Reis, Márcio Mallard, Jacques

Morelenbaum

Violão: Frederick Stephany, Arlindo Penteado,

Eduardo Pereira

Arranjo de base: Milton Nascimento e grupo

Orquestração e regência: Wagner Tiso

CURI CURI

Livre interpretação do índio Tsaqu Waiápi

Texto e fala de River Phoenix

When all our jungle friends sleep, we work against stream, against them, so when they wake, they're damned like the river, mother's blood line, until we have completely stripped them of their song, dance, prayer and language, then we place it with ours, how do we say, "Oh, so sorry. Let us explain. You must know, this is the real world. It's good business, demolition, it's progress, development, my pocketbook, evolution's sake." You see, they don't need our language to know we've sold them down the river and franchised our own souls. Listen.

Dormem os nossos amigos da floresta.

Enquanto isso, nós trabalhamos contra a corrente e contra eles próprios.

Quando acordam estão condenados como condenamos o rio — linha de sangue materno que os alimenta — e já os teremos despejado de seus sons, danças, ritos e linguagem, tentando substituir tudo. Então dizemos — Sinto muito. Há uma explicação: o mundo verdadeiro é assim. Progresso é destruição, desenvolvimento é diluição. Isto é evolução, isto é um ótimo negócio! Prestem atenção, nossos irmãos não precisam das nossas palavras para descobrir que os tratamos desavergonhadamente, que nós, simplesmente, os vendemos assim como as nossas próprias almas. Existem...

Coordenação: Dominique Gallois
Gravada ao vivo por Emmanuel Lopes, Cláudia Ferreira, Márcio Ferreira e Rizer
Tradução: Ana Maria Araújo

NOZANI NA

Il. Villa-Lobos e Roquette Pinto

Nozani na Orekaná kua

Kua éte éte

Nozani na Orekaná kua

Nozani na terahan rahan

Oloanti miki

Noterahan konetosa tona

Notera tera

Kemakia kua

Ne-é emá emá

Uialalo lalo

Girahalo lalo

Milton Nascimento: voz
Marlui Miranda: voz e violão
Caio Marcenudes: caxixi e tambor soprado
Arranjo de vocais: Marlui Miranda e Milton Nascimento

BARIDJUMOKÔ

*Música original do povo Kayapó do A-Ukre,
interpretada pelo povo da aldeia*

Coordenação: André Villas Boas
Gravada ao vivo por Roberto Marques, Demercal Filho e Márcio Ferreira

Compact Disc é o resultado da leitura ótica a laser, combinada com a reprodução digital, independente da técnica utilizada para a gravação original do programa. As técnicas de gravação podem ser representadas conforme se segue:

DOD - Utilização de equipamento digital durante a GRAVAÇÃO, MIXAGEM e MASTERIZAÇÃO

AOD - Utilização de equipamento analógico durante a GRAVAÇÃO, utilização de equipamento digital durante a MIXAGEM e MASTERIZAÇÃO

AAD - Utilização de equipamento analógico durante a GRAVAÇÃO, MIXAGEM e equipamento digital durante a MASTERIZAÇÃO

Atenção: Dedique ao seu Compact Disc o mesmo cuidado dos discos convencionais. Se o seu Compact Disc apresentar manchas de dedo, poeira, etc., ele pode ser limpo com um pano macio e seco, com movimentos retílicos do centro para a borda.

Não use qualquer produto de limpeza, solvente ou abrasivo.

T X A I

Criação de Milton Nascimento
produzida por Márcio Ferreira
Assessoria: Ângela Puppiani (Núcleo de Cultura Indígena - UNI)
Carlos Alberto Ricardo
(CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação)

Coordenação fonográfica: Sérgio Lopes
Assistente de produção: Flávio Vieira
Assistentes de estúdio: Ricardo Clementino e Beth Campos
Controle: Jorge Maurell
Arregimentação: Ronaldo Monteiro
Gravação e mixagem: Impressão Digital
Técnico: Beto Pimentel
Assistentes: Cláudio Stirra, Geraldo Iaiá e Paulo Henrique
Supervisão de mixagem: Milton Nascimento, João Baptista e Márcio Ferreira
Coordenação artística: Arlete Duarte, Flávio Vieira e Beth Campos

Capa: Geraldo Leite e Márcio Ferreira
Fotografia: Márcio Ferreira (rio Juruá e Milton)
João Roberto Ripper (seringueira)
Lettering: Geraldo Leite
Montagem: Kátia e Branca / Contraste
Produção gráfica: Cláudia Ferreira

Fotocapamento: Milton Eustáquio e Rosalina Figueiredo
Coordenação gráfica: Carlos Nunes

A música COISAS DA VIDA foi produzida por Mazzola

Companheiros de viagem: Carlos Alberto Ricardo, Mauro Almeida,
Rubens Matuck, Terri Aquino, Murilo Santos,
Charles Vincent, Vincent Carelli, Cleiton Capelossi,
Edson Alves, Adail Rodrigues, Edemirio Gomes e Flávio Vieira
Colaboradores: Carlos Marín/Núcleo de Direitos Indígenas, Associação dos Seringueiros e Agricultores da Bacia do Rio Teja,
Renilza Manaitá, Zé Dentas, Idete, Alice, Eunice,
Eduardo Silva, Frederico Miranda, Damiano Pantoja,
Dilson Marinho, Maria e Carlos, Renato Capixaba,
Henrique, Antônio Carlos de Oliveira, Vera Feitosa, Jaci,
Sebastião Marques e Vaníssa Rêgo
Apoio: Ailton Krenak, Júlio Barbosa, Marcos Terena,
Antônio Macedo, Paulinho Piaiá,
Chico Jivá, Siã Kaxinawa, Osmarino, Anine e Itabira, Moisés Kampa, Dolar, Kumai, Sô Milton, Txikiri, entre outros

Direção musical: Milton Nascimento
Direção executiva: Márcio Ferreira

AAD

MILTON NASCIMENTO/TXAI

COLUMBIA

ABERTURA

(Milton Nascimento)

Fala de Davi Kopenawa Yanomami

TXAI (63956969)

(Milton Nascimento - Márcio Borges)

BAU METÓRO (63956918)

Música original do povo Kayapó do A-Ukre

COISAS DA VIDA* (63940205)

(Milton Nascimento - Fernando Brant)

HOEIEPEREIGA (63956926)

Música original do povo Paiteer

ESTÓRIAS DA FLORESTA (63957035)

(Milton Nascimento - Fernando Brant)

YANOMAMI E NÓS (63957072)

(Pacto de Vida)

(Milton Nascimento - Fernando Brant)

AWASI (63956934)

Música original do povo Waiápi

A TERCEIRA MARGEM DO RIO (63957019)

(Milton Nascimento - Caetano Veloso)

BENKE (63957000)

(Milton Nascimento - Márcio Borges)

SERTÃO DAS ÁGUAS (63956993)

(Milton Nascimento - Ronaldo Bastos)

QUE VIRÁ DESSA ESCURIDÃO? (63956985)

(Milton Nascimento - Fernando Brant)

CURI CURI (63956942)

Tsaqu Waiápi - Fala de River Phoenix

Participação Especial: River Phoenix**

NOZANI NA (63956977)

(Heitor Villa-Lobos - Roquete Pinto)

Participação: Marli Miranda

BARIDJUMOKÔ (63956950)

Música original do povo Kayapó do A-Ukre

Produzido por Márcio Ferreira com
direção musical de Milton Nascimento

*Produzido por Mazzola para
MZA Productions

**Gentilmente cedido por Island Records

Este disco faz parte da campanha de apoio à
ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA - coordenada pela
UNI - União das Nações Indígenas
CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros